

54. O JUÍZO FINAL. OS NOVOS CÉUS E A NOVA TERRA

1038-1065

INTRODUÇÃO



Depois de ter falado do juízo particular do homem depois da morte, o catecismo volta a sua atenção para o juízo universal e para o destino do cosmos em união com o da humanidade inteira.

O juízo final acontecerá no fim dos tempos. Esse evento é afirmado pelo evangelho de maneira explícita.

O ser humano é por um lado um ser pessoal e originalíssimo, que não se repete. Por outro lado, ele se encontra inserido em uma história humana na qual todas as liberdades se entrelaçam.

TEXTO 1038-1065

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 12: CREIO NA VIDA ETERNA

V. O Juízo final

1038. A ressurreição de todos os mortos, «justos e pecadores» (At 24,15), há de preceder o Juízo final. Será «a hora em que todos os que estão nos túmulos hão de ouvir a sua voz e sairão: os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida, e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (Jo 5,28-29). Então Cristo virá «na sua glória, com todos os seus anjos [...]. Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. [...] Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (Mt 25,31-33.46).

1039. É perante Cristo, que é a Verdade, que será definitivamente posta descoberto a verdade da relação de cada homem com Deus. O Juízo final revelará, até às suas últimas

consequências, o que cada um tiver feito ou deixado de fazer de bem durante a sua vida terrena:

«Todo o mal que os maus fazem é registado – e eles não o sabem. No dia em que “Deus virá e não se calará” (Sl 50,3) [...]. Então, Ele Se voltará para os da sua esquerda: “Na terra, dir-lhes-á, Eu tinha posto para vós os meus pobrezinhos, Eu, Cabeça deles, estava no céu sentado à direita do Pai – mas na terra os meus membros tinham fome: o que vós tivésseis dado aos meus membros teria chegado à Cabeça. Quando Eu coloquei os meus pobrezinhos na terra, constituí-os vossos portadores para trazerem as vossas boas obras ao meu tesouro. Vós nada depositastes nas mãos deles: por isso nada encontrastes em Mim”».

1040. O Juízo final terá lugar quando acontecer a vinda gloriosa de Cristo. Só o Pai sabe o dia e a hora, só Ele decide sobre a sua vinda. Pelo seu Filho Jesus Cristo, Ele pronunciará então a sua palavra definitiva sobre toda a história. Nós saberemos o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua providência tudo terá conduzido para o seu fim último. O Juízo final revelará como a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e como o seu amor é mais forte do que a morte.

1041. A mensagem do Juízo final é um apelo à conversão, enquanto Deus dá ainda aos homens «o tempo favorável, o tempo da salvação» (2Cor 6,2). Ela inspira o santo temor de Deus, empenha na justiça do Reino de Deus e anuncia a «feliz esperança» (Tt 2,13) do regresso do Senhor, que virá «para ser glorificado nos seus santos, e admirado em todos os que tiverem acreditado» (2Ts 1,10).



VI. A esperança dos novos céus e da nova terra

1042. No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado:

Então a Igreja alcançará «na glória celeste, a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas e, quando, juntamente com o gênero humano, também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo».

1043. A esta misteriosa renovação, que há de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama «os novos céus e a nova terra» (2Pd 3,13). Será a realização definitiva do desígnio divino de «reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (Ef 1, 10).

1044. Neste «mundo novo», a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto, nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu» (Ap 21,4).

1045. *Para o homem*, esta consumação será a realização final da unidade do gênero humano, querida por Deus desde a criação e da qual a Igreja peregrina era «como que o sacramento». Os que estiverem unidos a Cristo formarão a comunidade dos resgatados, a «Cidade santa de Deus» (Ap 21,2), a «Esposa do Cordeiro» (Ap 21,9). Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas, pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens. A visão beatífica, em que Deus Se manifestará aos eleitos de modo inesgotável, será a fonte inexaurível da felicidade, da paz e da mútua comunhão.

1046. *Quanto ao cosmos*, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:

Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus [...] com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza [...]. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção filial e a libertação do nosso corpo (Rm 8,19-23).

1047. Assim, pois, também o universo visível está destinado a ser transformado, «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja sem mais nenhum obstáculo ao serviço dos justos», participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado.

1048. «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens».

1049. «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes ativar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus».

1050. «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal». Então, Deus será «tudo em todos» (1Cor 15,28), na vida eterna:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem exceção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna».



Resumindo:

1051. *Ao morrer: cada homem recebe, na sua alma imortal, a sua retribuição eterna, num juízo particular feito por Cristo, Juiz dos vivos e dos mortos.*

1052. *«Nós cremos que as almas de todos os que morrem na graça de Cristo [...] constituem o povo de Deus no além da morte, a qual será definitivamente destinada no dia da ressurreição, quando estas almas forem reunidas aos seus corpos».*

1053. *«Nós cremos que a multidão dessas almas que estão congregadas à volta de Jesus e de Maria, no paraíso, formam a Igreja celeste onde, na eterna bem-aventurança, veem Deus como Ele é onde também, certamente em graus e modos diversos, estão associadas aos santos anjos no governo divino exercido por Cristo glorioso, intercedendo por nós e ajudando a nossa fraqueza com a sua solícitude fraterna».*

1054. *Os que morrem na graça e amizade de Deus, mas imperfeitamente purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria de Deus.*

1055. *Em virtude da «comunhão dos santos», a Igreja encomenda os defuntos à misericórdia de Deus e oferece em seu favor sufrágios, em particular o santo Sacrifício eucarístico.*

1056. *Seguindo o exemplo de Cristo, a Igreja adverte os fiéis da «triste e lamentável realidade da morte eterna», também chamada «Inferno».*

1057. *A pena principal do Inferno consiste na separação eterna de Deus, o único em Quem o homem pode encontrar a vida e a felicidade para que foi criado e às quais aspira.*

1058. *A Igreja ora para que ninguém se perca: «Senhor [...], não permitais que eu me separe de Vós». Sendo verdade que ninguém se pode salvar a si mesmo, também é verdade que «Deus quer que todos se salvem» (1Tm 2,4) e que a Ele «tudo é possível» (Mt 19, 26).*

1059. *«A santa Igreja Romana crê e firmemente confessa que, no dia do Juízo, todos os homens hão de comparecer com o seu próprio corpo perante o tribunal de Cristo, para prestar contas dos seus próprios atos».*

1060. *No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Então, os justos reinarão com Cristo para sempre, glorificados em corpo e alma; o próprio universo material será transformado. Deus será, então, «tudo em todos» (1Cor 15,28), na vida eterna.*

«AMÉM»

1061. O Credo, tal como o último livro da Sagrada Escritura termina com a palavra hebraica *Amém*, palavra que se encontra com frequência no final das orações do Novo Testamento. Do mesmo modo, a Igreja termina com um «Amém» as suas orações.

1062. Em hebraico, *Amém* está ligado à mesma raiz que a palavra «crer», raiz que exprime solidez, confiança, fidelidade. Assim se compreende porque é que o «Amém» se pode dizer tanto da fidelidade de Deus para conosco como da nossa confiança n'Ele.

1063. No profeta Isaías encontramos a expressão «Deus de verdade», literalmente «Deus do Amém», quer dizer, o Deus fiel às suas promessas: «Todo aquele que desejar ser abençoado sobre a terra deve desejar sê-lo pelo Deus fiel (do Amém)» (Is 65,16). Nosso Senhor emprega frequentemente a palavra «Amém», por vezes sob forma redobrada», para sublinhar a confiança que deve inspirar a sua doutrina, a sua autoridade fundada na verdade de Deus.

1064. O «Amém» final do Credo retoma e confirma, portanto, a palavra com que começa: «Creio». Crer é dizer «Amém» às palavras, às promessas, aos mandamentos de Deus; é fiar-se totalmente n'Aquele que é o «Amém» de infinito amor e perfeita fidelidade. A vida cristã de cada dia será, então, o «Amém» ao «Creio» da profissão de fé do nosso Batismo:

«Que o teu Símbolo seja para ti como um espelho. Revê-te nele, para ver se crês tudo quanto dizes crer. E alegra-te todos os dias na tua fé».

1065. O próprio Jesus Cristo é o «Amém» (Ap 3,14). É o Amém definitivo do amor do Pai para conosco: assume e leva a bom termo o nosso «Amém» ao Pai: «É que todas as

promessas de Deus encontram n'Ele um «sim»! Desse modo, por seu intermédio, nós dizemos «Amém» a Deus, a fim de lhe darmos glória» (2Cor 1,20):

*Por Cristo, com Cristo, em Cristo,
a Vós, Deus Pai todo-poderoso,
na unidade do Espírito Santo,
toda a honra e toda a glória agora e para sempre.
AMÉM.*



Revisando temas

O juízo final

O juízo particular e o juízo universal não devem ser vistos somente na sua separação temporal (um ocorre no momento da morte, outro se dará no final da história), mas também na sua mútua e intrínseca relação (a originalidade pessoal e a humanidade na qual todos nós estamos inseridos).

O juízo final tem relação intrínseca com a vinda de Cristo (a Parusia). O juízo universal é uma dimensão intrínseca da Parusia de Cristo: que “virá para julgar os vivos e os mortos”. Está também relacionado intrinsecamente com a ressurreição; já no Novo Testamento a ressurreição universal aparece como prévia ao juízo universal. Assim a ressurreição no fim dos tempos será para alguns a vida e para outros a morte eterna.

Jesus é a Verdade em pessoa. É também o “homem perfeito” (cf. GS 22, 38, 41, 45). Por isso a Sua vinda na glória e a plena manifestação daquilo que Ele é revelará a verdade última e definitiva do próprio homem, constituída pela sua relação com Deus. Assim o juízo final não é um mero acréscimo exterior e extrínseco da Parusia. Podemos até dizer que ela mesma é já o juízo, porque Jesus, o Juiz ao qual o Pai deu todo o poder de julgar (cf. Jo 5,27), é, ao mesmo tempo, o critério (a medida) do juízo. N'Ele é medido o ser último de todo homem e também da história inteira da humanidade.

Na aparição definitiva de Jesus aparecerá o sentido de todas as coisas, ficarão claros os caminhos, incompreensíveis para nós, através dos quais Deus terá conduzido providencialmente todas as coisas até o seu fim último.

Mas Deus quer realizar os seus desígnios de salvação com a cooperação humana. Daqui decorre a necessidade de que a manifestação dos seus caminhos tenha esta dimensão de julgamento dos homens e de suas ações.

Põe-se o problema – que se refere também ao juízo particular – da conciliação entre a misericórdia e a justiça divinas. É preciso estar ciente de que a justiça divina é essencialmente a salvação. Por isso o julgamento divino universal representará a vitória sobre todas as injustiças cometidas pelas pessoas humanas. No julgamento, Deus aparecerá como o defensor dos pobres e dos fracos. A face escondida da história, que nós homens não podemos conhecer e que tantas vezes nós contribuimos para que ficasse ainda mais obscura, se tornará manifesta. O julgamento universal de Deus não será a explosão da vingança e do ódio; pelo contrário significará o triunfo do amor divino. Tudo isso não anula o santo temor de Deus, que dará a cada um segundo as suas obras e do qual esperamos misericórdia no momento do julgamento.

A mensagem do julgamento final significa um chamado à conversão, ao esforço sério pelo Reino de Deus e pela sua justiça. A sua mensagem inclui também um anúncio de esperança. É essa esperança que deve prevalecer no cristão que deseja a glorificação final de Deus, ou seja, a plena realização do fim-finalidade que Deus se propôs ao criar o mundo.



A esperança dos novos céus e da nova terra

O tema dos novos céus e da nova terra sintetizam tudo o que foi dito sobre as “últimas realidades”.

Com o gênero humano também o universo será transformado e alcançará a sua perfeição definitiva. O homem, segundo a doutrina cristã, é a única criatura deste mundo que Deus quis por si mesma (cf. GS 24); as outras criaturas foram queridas por Deus em função do ser humano. Por isso o destino final do cosmos deve ser visto em íntima relação com o do ser humano. Somente quando o homem alcançar o seu destino final em Cristo é que também o universo chegará à sua plenitude.

O conjunto da humanidade e do cosmos transformados e glorificados em Cristo constitui os novos céus e a nova terra. Significa simultaneamente o pleno domínio de Cristo ressuscitado sobre todas as coisas. Nada foge ao seu poder salvador. Será a plena identidade entre a obra da criação e da salvação, que se cumprirá quando tudo for

recapitulado em Cristo (cf. Ef 1,10). Com essa recapitulação se cumprirá o desígnio divino anterior à criação do mundo (cf. Ef 1,4ss).

Os novos céus e a nova terra são a Jerusalém celeste que se caracteriza sobretudo pela presença de Deus (cf. Ap 21). Na nova Jerusalém, Deus habitará com os homens. O céu consiste exatamente nessa comunhão do homem com Deus. E isso inclui o desaparecimento de todo sofrimento e de toda dor, porque o Senhor enxugará toda lágrima de nossos olhos.

A Jerusalém celeste significa para o homem a unidade de todo o gênero humano; a Igreja é agora o sacramento, ou seja, o sinal e o instrumento dessa unidade (LG 1), que na consumação escatológica será unidade perfeita. Na consumação, a Igreja será a esposa de Cristo sem mancha de pecado. A perfeita harmonia entre os homens será a consequência da comunhão com Deus, da visão beatífica, que é fonte de felicidade e de paz e de comunhão entre nós. Assim a relação com Deus perfeitamente alcançada torna possível a perfeita relação entre os homens entre si e com o cosmos.

Há uma comunhão de destinos: o do mundo e o do homem. É o que descreve Rm 8,19-23 que fala sobre a futura transformação cósmica em relação com a glorificação do ser humano e com a manifestação da plena liberdade dos filhos de Deus. O pecado, pervertendo a relação do homem com Deus, altera também a relação do homem com o cosmos. Por isso a criação participa a seu modo da escravidão em que o homem caiu. A transformação do cosmos é, em última análise, um elemento a mais do pleno domínio de Cristo ressuscitado sobre toda a criação, da salvação e da redenção perfeita de tudo. Estando o homem inserido no cosmos, sendo também as realidade materiais chamadas à perfeição, compreende-se que esta plenitude não pode ser alcançada sem um universo transformado.

A ressurreição, como participação na glorificação de Jesus, não significa que o homem se converterá em um ser acósmico. Exatamente o contrário. Tudo isso reaviva o senso de responsabilidade que o homem tem pelo mundo presente e que Deus lhe confiou. A preocupação ecológica do cristão não se restringe ao limite do tempo; expande até a dimensão da eternidade. Esta esperança também é “novos céus e nova terra”.

Não é possível “descrever” o mundo que esperamos, porque ultrapassa a nossa imaginação e as nossas capacidades. O que não pode diminuir, porém, a certeza de fé e a esperança na nova morada que o Senhor nos prepara (os novos céus e a nova terra).

O mundo que esperamos é dom de Deus, mas não deixa de ser fruto da resposta humana a esse dom e a essa graça. Por isso a esperança na nova terra não deve fazer diminuir o nosso interesse e o nosso empenho por esta terra. Pelo contrário, os intensificam porque com essa esperança, os nossos esforços são radicalmente salvos da vaidade e da transitoriedade que caracterizam a condição presente em que vivemos. O que fazemos neste mundo transitório em vista do bem dos irmãos adquire um valor e um peso de eternidade.

É verdade que precisamos sempre distinguir entre o progresso terrestre e o Reino de Deus. Mas o progresso terrestre, enquanto contribui para o melhoramento integral e humano da sociedade, não é indiferente ao Reino que nós esperamos. Deus, de fato, não quer destruir o nosso esforço nem os seus frutos. Ele quer transformá-los exatamente porque quer transformar o mundo, no qual está inserida a ação do homem.

Por isso encontraremos nos novos céus e na nova terra tudo o que verdadeiramente colaborou com o desígnio de Deus. Tudo isso será purificado, transformado e transfigurado em Cristo. Nenhum esforço, nenhuma iniciativa realizados segundo a

vontade de Deus se perderá. Toda obra em vista do Reino, toda ação e trabalho realizados em obediência ao Espírito farão parte dos novos céus e da nova terra.

Tudo isto é a vida eterna que esperamos.

AMÉM

Dizer amém não é somente uma forma estereotipada de encerrar a profissão de fé. Essa palavra tão pequena e breve é como o grão de mostarda: consegue conter dentro de si tudo o que cremos e que foi explicado da profissão de fé.

Muito se poderia ainda explicar. Muito já foi escrito e muito ainda será comentado sobre o que os cristãos acreditam.

Dizendo amém a tudo o que foi professado, o cristão adere repetindo “eu creio”. Ao dizer amém, o cristão confirma a fé que ele prometeu aceitar com a primeira palavra da profissão de fé: “eu creio”.

O “eu creio” abre a profissão de fé; o “amém-eu creio” a conclui. O “eu creio” é a aceitação de tudo o que será professado; o “amém-eu creio” atesta que o cristão compreende e conhece o conteúdo da fé e quer viver segundo ela.

AMÉM!

